

# EXÉRCITO - FATOR DE INTEGRAÇÃO NACIONAL

Cel Inf (QEMA)

OCTAVIO COSTA

Este é o texto integral da conferência pronunciada, no dia 3 de novembro, em Buenos Aires, pelo delegado do Exército Brasileiro à VII Conferência dos Exércitos Americanos, Coronel Octávio Costa, perante as delegações da Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, República do Salvador, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguaí e Argentina, bem como os observadores da Junta Interamericana de Defesa, México e Costa Rica, sob a presidência do Tenente-General Pascual Angel Pizarini, Comandante-Chefe do Exército Argentino. Inicialmente, o Coronel Octávio Costa pronunciou as seguintes palavras, de improviso, a título de introdução: "Em primeiro lugar desejo assinalar minha emoção pessoal por alçar-me, em nome da delegação brasileira, diante dos mais altos chefes militares da América, para desenvolver o tema "Exército, Fator de Integração Nacional", bem como para afirmar com toda a clareza que, ao abordá-lo, não temos quaisquer pretensões dogmáticas ou doutorais, mas, tão somente, o propósito de oferecer à vossa meditação, algumas reflexões sobre como, em meu Exército, se considera o importante problema da unidade nacional". (Transcrito do "Jornal do Brasil", de domingo, 13 Nov 66). (\*)

## VOCAÇÃO

Há poucas semanas, na televisão, em São Paulo, perguntou-se a laureado regente, que iniciara a vida numa escola de aprendizes de marinheiros, qual a sua legítima vocação: se a musical ou a militar. Esquecido do muito que devia à caserna, respondeu, interrogando se poderia haver alguém que ainda acreditasse na existência da vocação militar, por êle considerada inconcebível no estágio atual da civilização.

Dominada a indignação, pus-me a refletir, e percebi que o maestro visualizava a vocação militar na figura ultrapassada de guerreiro antigo ou medieval. Qual seria, então, o signo de nossa vocação, se temos, entre nós, professores, engenheiros, economistas, médicos, capelães, músicos, advogados, cientistas e tantos outros obreiros do bem comum? *Concluí que a vocação militar é como que a suma de todas as vocações. A verdadeira vocação militar é a vocação de servir.* E senti que a todos os incompreendidos e injustiçados que, nos exércitos, servem a seus países, bem se aplicam aquelas inesquecíveis palavras da grande Mistral: "Aquêlle é o que critica; êste é o que destrói; sê tu o que serve".

(\*) N.R. — A delegação do Brasil à VII C.E.A. foi chefiada pelo General-de-Divisão Alvaro Tavares Carmo (2º Subchefe do EME) e integrada pelo Tenentes-Coronéis Aldo Lins Marinho e Davio Dibelro de Faria (ambos do EME) e pelo orador convidado, o Coronel Octávio Costa (da ECEME).

Com este pensamento, dirijo-me aos delegados dos exércitos americanos — homens que servem a seus povos — e procuro corresponder à honra que me é concedida, com o propósito de bem servir.

Versando o tema do Exército, como fator de integração nacional, perseguiremos este propósito e a coragem da verdade. De dizer o que pensamos deva ser dito, com a simplicidade e a lealdade de companheiros de armas.

### CONCEITUAÇÃO

Que é integração? Que é integração nacional?

Integração é o ato ou o efeito de integrar, de somar, de unir, de reunir, de tornar inteiro, de tornar completo, de dar coesão, de realizar a unidade na diversidade.

Dos objetivos nacionais permanentes de qualquer nação, aqueles para cuja consecução e manutenção mais e melhor pode o Exército colaborar são a inviolabilidade territorial e a integração nacional. É certo que a sua ação ajuda o alcance de objetivos inalienáveis — como a independência, a soberania, a paz e a emancipação econômica — mas os dois primeiros são o seu labor de toda hora.

A integração nacional é uma aspiração coletiva se opondo à desagregação, ao esfacelamento e à degenerescência. É o estado de higidez da nação que enfrenta e supera a luta de classes, a discriminação racial, a intransigência religiosa, os enquistamentos estrangeiros, as desigualdades regionais, os contrastes entre o campo e a cidade, a incompreensão de patrões e assalariados, o antagonismo das gerações, a demagogia e a mistificação, a pregação do ódio e da violência, a mentira e a corrupção, a seara do medo e da suspeita, a falência da autoridade, a in-suflação à justiça com as próprias mãos, a indisciplina, a desordem, a anarquia, o caos, o analfabetismo, a miséria, a fome, a dor e a desesperança.

Jamais se implantou um regime monocrático onde houvesse integração nacional. Os totalitarismos só lograram impor-se a nações desintegradas. A revolução soviética nasceu das cinzas de um regime desmoronado por si mesmo. Resultou do contraste entre o fausto dos tzares e a miséria popular, da desagregação e das derrotas em duas guerras humilhantes. Mussolini é produto do esfacelamento da Itália. Hitler é a floração do caos de uma Alemanha arrasada. Mao Tse-Tung se impôs numa China pulverizada por ódios irreconciliáveis e degradada pela constância e variedade da dominação estrangeira. E os outros regimes comunistas da Europa, da Ásia, da África e da própria América, ou são filhos da desintegração conseqüentes à Segunda Guerra Mundial e às guerras de independência, ou da corrupção dos antigos detentores do poder.

*Daí porque nos países onde há liberdade de expressão, os comunistas se opõem a toda medida ou a toda instituição que preserve a integração nacional.*

Daí porque, nesses mesmos países, os educadores de tendências socializantes ou comunizantes pregam a educação neutra e a pedagogia liberal, enquanto os estados socialistas exercem o rígido contrôlo de tôdas as atividades educacionais, a serviço da doutrina comunista.

*Daí porque, reconhecendo as forças armadas, e particularmente os exércitos, como instrumentos efetivos da integração nacional, tanto forcejam os comunistas em tentar destruí-las, seja procurando vulnerar a disciplina de seus quadros, seja desgastando-as perante a opinião pública, para que, no mínimo, triunfem sem guerra e, se possível, o façam sem restrições.*

### MILITARISMO

Já vai longe o tempo em que apenas se acusava de militarismo aos exércitos latinos-americanos. Essa tese motivou uma fecunda literatura de sociologia militar, compreendendo, entre outros, os livros de Victor Alba, de Morris Janowitz, de Lucien Pye, de John J. Johnson, de Frank Tannenbaum, de Edwin Lieuwen, de Tad Szule. São análises muitas vezes honestas e bem intencionadas, mas com o erro capital de medir e julgar, por padrões alheios, os dramas de povos que lutam por emergir do subdesenvolvimento, na concorrência desigual com outros de, no mínimo, meio século de avanço, por novos caminhos que não os do comunismo, e que eles são incapazes de compreender.

Agora já se aponta e se acusa também, em termos ainda mais veementes, um militarismo norte-americano. Lembrai-vos, por exemplo, da pregação civilista de Fred Cook (\*), que se vale das franquias democráticas dos Estados Unidos, para denunciar o suposto conluio entre o poder militar e o poder industrial, no que ele chama de "O Estado Militarista". Relembrai este libelo: "A América foi mudada, sem que o fato fôsse reconhecido publicamente, de uma democracia isolacionista e amante da paz, para um Estado Militarista".

O que o autor e os seus repetidores das esquerdas subdesenvolvidas confundem com militarismo é a lição de Pearl Harbour aproveitada. É a nação líder da democracia permanentemente alerta contra o perigo de nova guerra. *Talvez preferissem vê-la inerte e vulnerável às ameaças dos novos inimigos.* Esquecem-se de que o advento da arma nuclear reduziu infinitamente os prazos disponíveis, impondo preparação antecipada, sob pena de destruição total. E que o isolacionismo, sobre ser próprio dos fracos e incolores, está sepultado nas sombras dos séculos.

Lembrai-vos dos conceitos infamantes de Bertrand Russel, em sua recente "Carta Aberta ao Povo dos Estados Unidos". Percebei nesta condenação à interferência no Vietname, o propósito de minar a coesão da grande democracia. "Peço-vos a todos que ligueis os acontecimentos que ocorrem diàriamente à vossa volta, para que vejais claramente que

(\*) N.R. — Fred J. Cook — "O Estado Militarista" — Ed. Civilização Brasileira, 1964.

sistema se procura impor nos Estados Unidos, convertendo sua vida institucional em um grotesco arsenal de um império mundial. É a incensurável máquina militar unida à grande indústria e seus serviços de inteligência, e tudo isso é considerado em três continentes como o inimigo número um e a causa da miséria e da fome". De certo preferiria o pensador inglês que os Estados Unidos abandonassem os sul-vietnamitas à própria sorte, ensejando aos comunistas o domínio total do sudeste asiático e os caminhos para a Indonésia, as Filipinas e a Austrália.

Vêde, então, que já não se acusam de militaristas apenas os exércitos latino-americanos, ou asiáticos, ou africanos, mas também o próprio exército norte-americano. *É o reconhecimento tácito do papel dos exércitos, como fatores da integração nacional.*

### SUPOSTA INUTILIDADE

No que toca aos exércitos latino-americanos, a pregação desintegradora tem outro aspecto marcante e peculiar: procura-se, sob mil pretextos, criar a consciência de sua falta de motivação ou de sua inutilidade no quadro da guerra moderna, para a qual se achariam despreparados e desaparelhados. Daí a proliferação de toda uma exuberante literatura, *no esforço aparente de buscar um papel para os exércitos dos países não desenvolvidos, mas realmente interessada em provar que esse papel não existe.* Até mesmo John J. Johnson, autor de algumas análises judiciosas sobre a América Latina contemporânea, tem comentários deste teor: "O Tratado Interamericano de Assistência Recíproca, assinado em 1947 e administrado através da Organização dos Estados Americanos, e já invocado nos casos de Costa Rica — Nicarágua e República Dominicana — Haiti, reduziu eficientemente a possibilidade de guerras internacionais na América Latina. Isso sugere a possibilidade, particularmente nos países menos desenvolvidos, de que as organizações militares tenham cada vez maior dificuldade em justificar sua existência como órgãos da defesa nacional. Ao mesmo tempo, a guerra dos mísseis reduziu a importância das unidades defensivas da área, a ponto de não figurarem mais nos cálculos dos Estados Unidos. Sendo assim, os pactos militares bilaterais, assinados em princípios da década de 1950, já não têm substância. Se forem anulados, como querem muitos membros do Congresso dos Estados Unidos, as forças armadas de várias repúblicas latino-americanas ficarão privadas, não apenas de uma fonte de armamento moderno, mas também do prestígio de estarem ligadas aos Estados Unidos numa cadeia de defesa do Hemisfério".

Os equívocos do analista resultam de apreciar a guerra moderna e as ameaças aos Estados Unidos exclusivamente em termos de guerra global; de ignorar o fenômeno da guerra revolucionária e das guerras limitadas, no contexto da guerra fria; de esquecer que a guerra moderna é vencida na mente e no coração dos homens; **que uma nação, por**

menor que seja, não aceita confiar a defesa de sua soberania à mais poderosa das nações; e, finalmente, que a América Latina não representa, apenas, os flancos dos Estados Unidos, mas a sua própria reatuarda, cuja solidez é indispensável à sua sobrevivência.

É tão persuasiva a doutrinação sôbre a pretensa inutilidade dos exércitos, que muitos de nós mesmos, como que abalados na confiança de nossa destinação, nos pomos a justificar um papel a desempenhar, como se já não fôssemos indispensáveis à segurança de nossas nações. Esta é uma das razões, penso eu, pelas quais procuramos dar ênfase àquilo que se convencionou chamar de "ação cívica", nem sempre sincera, e tantas vêzes feita para disfarçar ou compensar o que realmente devemos fazer.

### FUNÇÃO SOCIAL

Os exércitos não precisam justificar-se, nem disfarçar o que fazem. Basta-lhes bem cumprir suas missões, assim se impondo ao respeito das outras parcelas da nação.

O verdadeiro sentido de sua função social foi definido pelo General peruano Manuel Morla Concha e completado pelo Tenente-General Juan Carlos Onganía, em West Point, na 5ª Conferência dos Exércitos Americanos.

Para Morla Concha, "se o Exército é zeloso da soberania nacional em face dos demais Estados; se é, no interior, o instrumento da ordem jurídica e da paz social; se assim assegura o exercício da democracia pelo cumprimento da lei, resguardando o acerto tradicional das instituições públicas e se opondo a transformações violentas das bases em que repousa a estabilidade constitucional do Estado; deve ser também, e principalmente, fator de ação e de cultura na obra ingente de alcançar a organização e a unidade consciente da nacionalidade".

O General Onganía ensinou-nos que "sem diminuir sua capacidade militar, sem concorrer com a atividade civil particular, levar as forças armadas a colaborar decisivamente nas obras de bem-estar público, em tarefas educacionais, vocacionais, técnicas, fazendo a sua contribuição ao patrimônio cultural do país, pressupõe ligá-las, intimamente, aos interesses e ideais da sociedade para promover harmonia e benefícios mútuos, em um ordenado espírito de cooperação, procurando fazer que a comunidade sinta a necessidade da existência das instituições militares, como parte de sua própria sobrevivência".

Como instrumento do poder militar e, conseqüentemente, como parte integrada do poder nacional, cabe ao Exército proporcionar a segurança indispensável ao desenvolvimento. Uma das facetas essenciais da segurança é a integração nacional. Ela tem aspectos militares, políticos, econômicos e sociais, mas o homem é o seu elemento fundamental.

## ASPECTOS MILITARES DA INTEGRAÇÃO

A identificação, a união e a coesão entre as forças armadas são as bases da integração nacional no campo militar.

O Exército contribui para essa integração adotando uma *estratégia de presença*, por meio da qual esteja presente, ou em curto prazo possa fazer-se presente em qualquer parte do território nacional. Pelo planejamento e acompanhamento das medidas de segurança interna. Fugindo às concentrações urbanas. Buscando as fronteiras e os sertões. Fazendo sentir às populações distantes e rarefeitas a alma da nacionalidade. Organizando colônias militares, que assegurem a ocupação efetiva das regiões economicamente pouco atrativas. Mantendo um serviço militar universal, sem privilégios, sem preconceitos, o mais generalizado — ainda que rápido — atuante, objetivo e útil. Tornando a caserna o laboratório de civismo, a escola de democracia, capaz de fazer de cada adolescente um verdadeiro cidadão. Dando exemplos de integração racial, de integração religiosa, de integração social. Recrutando os seus quadros em tôdas as camadas sociais. Combatendo o espírito de casta e tôda sorte de distorções, de vantagens e de privilégios, que desgastem a instituição perante a nação. Enraizando a convicção de que a carreira militar é sacerdotício, incompatível com o enriquecimento fácil e a vida faustosa. Dando exemplos de abnegação, de desprendimento e de renúncia.

## ASPECTOS POLÍTICOS DA INTEGRAÇÃO

No que diz respeito aos aspectos políticos, a grande contribuição do Exército situa-se na linha da equidistância e da isenção diante das paixões político-partidárias. Compreende-se a intervenção *in-extremis* dos exércitos, não para a proteção dos interesses de grupos, mas para a salvaguarda de objetivos nacionais ameaçados, como a soberania, unidade nacional e a sobrevivência do regime democrático representativo. Analisando o caso brasileiro, por exemplo, fez justiça Alan Manchester: "O fato de que a nação tenha sido capaz de suportar uma transição incrivelmente rápida para a industrialização sem eliminar sua estrutura política básica deve-se, em proporções acentuadas, ao Exército. Ele tem sido o fator estabilizador que impediu ao pêndulo político afastar-se demasiadamente do centro. Deu um fim à ditadura, quando cessou a necessidade deste regime, e afastou-se quando os líderes civis lançavam as bases de uma democracia autêntica. Voltou a agir quando a liderança política aproximou-se demais do extremo oposto. Teve um papel conservador, estabilizador, desde que, a partir de 1930, adquiriu influência decisiva".

Outra marcante contribuição que o Exército pode prestar à integração nacional é a opção profissionalista em contraposição à opção militarista. *Nada desgasta tanto o Exército perante o povo — de cuja*

*vontade soberana depende — quanto o militarismo. Daí porque os que desejam destruí-lo, tratam primeiro de acoimá-lo de militarista.* Joaquim Nabuco, um dos maiores pensadores políticos do Brasil de todos os tempos, tem a êsse respeito opinião bastante singular: “No dia em que se fêz a República, viu-se a Nação pedindo o govêrno militar para salvar a unidade, por ser o espírito militar o mesmo de um extremo a outro do país, isto é, nacional. Estranho como isto pareça, o govêrno militar é, nos períodos em que o Exército se torna a única força nacional e adquire a consciência disso, o meio de impedir o militarismo, vício dos exércitos políticos e sem espírito militar”. Depreenda-se da lição a evidência de que *a presença de militar à frente do govêrno poderá não significar militarismo e que, ao contrário, poderá havê-lo — até exacerbado — sob o govêrno de civil.* O problema de um exército ser ou não ser militarista é uma longa e lenta opção, que remonta às origens educacionais e se filia à própria índole do povo.

### ASPECTOS ECONÔMICOS

Muito pode o Exército contribuir para a integração econômica e, conseqüentemente, para o próprio desenvolvimento. A construção de rodovias, de ferrovias, de açudes, de barragens, de usinas e a participação no desdobramento da rede de comunicações são serviços inestimáveis das armas especializadas.

Os caminhos, que possibilitam a circulação das riquezas, e os canais de comunicações, que asseguram o contato por sôbre as distâncias, são as artérias e os nervos da integração nacional. Rondon, um dos maiores heróis militares do Brasil, não venceu nenhuma outra batalha, que não fôsse a da vida inteira desbravando os sertões, para fincar os postes telegráficos, estender as linhas e civilizar os silvícolas.

Não se faz a arrancaça para o desenvolvimento, sem que se crie uma mentalidade tecnológica e científica, que as forças armadas devem incentivar.

Não ensejando lucros compensadores, as indústrias pioneiras são confiadas ao Exército. Nos Estados Unidos, West Point foi berço da cultura científica. No Brasil, a antiga Escola Técnica do Exército — hoje Instituto Militar de Engenharia — formou os idealistas e patriotas que organizaram e dinamizaram as fábricas e os laboratórios, onde começou a surgir a consciência tecnológica e científica do Brasil. Ali luziu a primeira centelha do nosso desenvolvimento. Dali partiram alguns dos nossos melhores professores universitários e muitos dos principais construtores de nossas indústrias siderúrgica, automobilística e petroquímica, bem como vários pioneiros da energia hidroelétrica, da eletrônica e da física nuclear brasileira.

Nos nossos tempos, em todos os quadrantes, assinalamos a presença das Forças Armadas na vanguarda da pesquisa e do desenvolvimento científico, preparando a arremetida do homem para o espaço sideral.

Outra notável contribuição para a integração econômica é a da formação de contingentes de mão-de-obra especializada que servirá de núcleo às necessidades civis. Esse objetivo poderá ser alcançado, não só com a manutenção de indústrias básicas piloto, mas adotando um plano racional de formação de mão-de-obra, pelo qual o serviço militar, sem descuidar sua tarefa essencial, proporcione, aos conscritos, habilitações úteis no retôrno à vida civil. Assim, se por um lado, o Exército encontra, no contingente a incorporar, alguns especialistas que lhe são necessários, de outra parte é preciso que dê à vida civil a retribuição de formar, anualmente, número apreciável de profissionais qualificados.

Há, finalmente, que destacar o quanto se pode fazer desenvolvendo o hábito do trabalho de equipe e da mentalidade do planejamento, indispensável ao surto econômico.

### ASPECTOS SOCIAIS DA INTEGRAÇÃO

É, porém, no campo social, que se poderá atingir a plenitude da contribuição do Exército para a integração nacional.

Seu primeiro dever é melhorar o grau de higidez do homem. Realiza-se principalmente no interior dos países, pela racionalização da alimentação, pelo hábito dos exercícios físicos metódicos e pela assistência sanitária. A devolução anual de milhares de jovens ao mundo civil, com regime de vida disciplinado, saudável e morigerado é uma efetiva contribuição à integração social. Além da assistência ao pessoal militar, os exércitos participam de campanhas ou tarefas sanitárias fora de suas fileiras, tais como o tratamento dos indígenas, a distribuição de medicamentos, a propaganda higiênica e a vacinação das populações. Justo é que se destaque também a contribuição dos exércitos para o desenvolvimento da educação física e dos esportes, de influência sempre crescente na aglutinação do povo.

A maior participação do Exército na integração nacional está no campo da educação. Segundo Olavo Bilac, "o quartel é a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo".

A nação concede à caserna — como a nenhuma outra escola — a oportunidade de realizar a escola viva e a educação integral, nos diversos aspectos que se fundem na formação da personalidade; não apenas educação intelectual, mas física, moral, cívica, social, e até mesmo econômica, artística e religiosa.

Nesse quadro, desejamos considerar a ajuda dos exércitos na educação daquelas parcelas — desgraçadamente tão grandes na América Latina — da população que não freqüentam escola. Faz-se mister dar-lhes os rudimentos essenciais de educação política e de educação social. Trata-se de ensinar-lhes o que é democracia, o valor do voto, a importância de



votar bem. De ensinar a arte de conviver, de cooperar. A de servir, e não a de servir-se. De educar os sentimentos do povo. De aperfeiçoar o seu caráter e de fortalecer o seu moral.

Trata-se de alfabetizar, de construir escolas, de abrir bibliotecas, de incentivar o gosto da pesquisa e de estimular o espírito inventivo. E, afinal, de formar o cidadão, o homem autêntico, transmitindo-lhe não apenas conhecimentos e habilidades, inculcando-lhe os valores, encaminhando-o na direção do bem-estar social, do bem-estar da comunidade nacional e do bem-estar da humanidade. Sabem os exércitos que somente a educação permite aos povos a plenitude da democracia, na ordem política, na ordem social, na ordem espiritual.

São contribuições efetivas para a integração nacional a sadia mobilidade social da família militar, decorrente das necessidades de movimentação dos quadros; o fortalecimento da classe média; a promoção do entendimento e da harmonia entre as classes, pela capacidade de penetração entre elas; a escola de líderes democráticos que o Exército pode ser; assim como o fator multiplicador das idéias novas que deve representar em sua onipresença no território nacional.

Desejamos assinalar a relevância de nossa participação nas calamidades públicas. O caráter dos povos é temperado no infortúnio e na dor. Nas horas de angústia, as nações sentem em toda a sua expressão o quanto vale a existência de exércitos organizados, aparelhados, disciplinados e coesos. Nas grandes catástrofes americanas, nos seus terremotos, nas suas secas, nas suas inundações, nos seus incêndios, nos seus furacões, nas suas epidemias, afirmam-se os exércitos como autênticos fatores da integração nacional. Podem bem cumprir essas missões, explorando sua capacidade operacional, decorrente de sua organização, de sua articulação pelo território nacional e do hábito de planejamento. No Brasil, em 1958, o Grupamento de Engenharia, sediado no nordeste, executando o seu plano de emergência, chegou a socorrer e a abrigar cerca de 40.000 flagelados da seca e, em 1960, quando do rompimento da barragem de Orós, o IV Exército atendeu a uma população de 400.000 nordestinos.

Nossas reflexões finais não de dirigir-se para as inter-relações entre o Exército e a mocidade. É a instituição que se põe em contato mais direto com os jovens, no momento decisivo de suas vidas. Tem o dever de compreender os moços, de estar com eles. De ajudá-los na realização de seus ideais.

Os exércitos de toda a América, empenhados em sua obra educacional, têm a consciência de que somos sociedades em transição, em plena evolução, e com autenticidades e energias anímicas que capacitam cada uma delas a transmitir à humanidade a sua própria mensagem. Sabem que a mudança é o signo dessas sociedades transitórias. Mudança para uma nova forma, ainda não perfeitamente definida, cujo fundamento há de ser a dignidade espiritual da pessoa humana.

O processo educacional de uma sociedade em evolução, de uma nação em desenvolvimento, conduz, normalmente, ao conflito. Entre discentes e docentes, entre velhos e jovens professores, entre valores novos e tradicionais, entre a escola e a família, entre a tradição e a evolução — o conflito das gerações.

É também normal que em países onde metade da população não alcança a maioridade; onde uma, entre duas pessoas, é analfabeta; e em que existem, somente, uma ou duas dezenas de universitários em meio a dez mil habitantes, o papel do estudante seja de vanguarda. Não apenas de vanguarda, de exemplo. Exemplo de cumprimento do dever. De constância e devoção no trabalho. De esforço, de tenacidade. De idealismo, de sacrifício e de renúncia. De elevação de propósitos. De constante superação.

Papel de vanguarda. De vanguarda moral, intelectual e cultural. Do pensamento e da ação. Das causas nobres e justas. Das idéias e dos sentimentos que valorizam os povos e constroem a grandeza das nações.

A História aponta a mocidade das Américas à frente dos mais puros movimentos sociais. Nas lutas do sentimento nativista. Lutas precursoras e consolidadoras da independência. Pela abolição dos escravos. Pela República. Contra insultos e agressões estrangeiras. Nas cruzadas cívicas. Nos movimentos de solidariedade e de assistência social. Na defesa da democracia.

Também de vanguarda tem sido a posição dos exércitos das nações americanas, através dos tempos. De vanguarda social, de vanguarda pela integração nacional. Os nossos heróis não têm sido, apenas, os heróis guerreiros, mas os heróis que devassaram o coração de suas pátrias e das Américas; estenderam a ponte da solidariedade por sobre as calamidades públicas, vencendo a fome, a dor e o desabrigo; e, através das cidades, dos campos, das cordilheiras, dos pântanos, dos desertos, dos rios, das cachoeiras, levaram a enxada, o telégrafo, o remédio, o alfabeto, a cruz, o pão, o agasalho, a liberdade, a união e a esperança.

Diante das injustiças sociais, com que se deparam no alvorecer da vida, os moços com as características próprias da idade — o desejo de auto-afirmação, o idealismo, a insegurança, a indecisão dos fins e a relativa instabilidade intrínseca — tendem a revoltar-se. E, desgraçadamente, essa revolta e a força da juventude foram mais percebidas e aproveitadas pelos partidários do comunismo internacional.

Dar um rumo e um sentido à justa revolta da mocidade é uma das primeiras tarefas do educador e de todo bom patriota. É preciso compreender que a rebelião dos moços é uma força generosa e inesgotável, de milagrosa potencialidade.

Nesta hora de mutação sócio-econômica; quando as nações não desenvolvidas sentem o desafio da ascensão; quando já se vislumbram as

O processo educacional de uma sociedade em evolução, de uma nação em desenvolvimento, conduz, normalmente, ao conflito. Entre discentes e docentes, entre velhos e jovens professores, entre valores novos e tradicionais, entre a escola e a família, entre a tradição e a evolução — o conflito das gerações.

É também normal que em países onde metade da população não alcança a maioridade; onde uma, entre duas pessoas, é analfabeta; e em que existem, somente, uma ou duas dezenas de universitários em meio a dez mil habitantes, o papel do estudante seja de vanguarda. Não apenas de vanguarda, de exemplo. Exemplo de cumprimento do dever. De constância e devoção no trabalho. De esforço, de tenacidade. De idealismo, de sacrifício e de renúncia. De elevação de propósitos. De constante superação.

Papel de vanguarda. De vanguarda moral, intelectual e cultural. Do pensamento e da ação. Das causas nobres e justas. Das idéias e dos sentimentos que valorizam os povos e constroem a grandeza das nações.

A História aponta a mocidade das Américas à frente dos mais puros movimentos sociais. Nas lutas do sentimento nativista. Lutas precursoras e consolidadoras da independência. Pela abolição dos escravos. Pela República. Contra insultos e agressões estrangeiras. Nas cruzadas cívicas. Nos movimentos de solidariedade e de assistência social. Na defesa da democracia.

Também de vanguarda tem sido a posição dos exércitos das nações americanas, através dos tempos. De vanguarda social, de vanguarda pela integração nacional. Os nossos heróis não têm sido, apenas, os heróis guerreiros, mas os heróis que devassaram o coração de suas pátrias e das Américas; estenderam a ponte da solidariedade por sobre as calamidades públicas, vencendo a fome, a dor e o desabrigo; e, através das cidades, dos campos, das cordilheiras, dos pântanos, dos desertos, dos rios, das cachoeiras, levaram a enxada, o telégrafo, o remédio, o alfabeto, a cruz, o pão, o agasalho, a liberdade, a união e a esperança.

Diante das injustiças sociais, com que se deparam no alvorecer da vida, os moços com as características próprias da idade — o desejo de auto-afirmação, o idealismo, a insegurança, a indecisão dos fins e a relativa instabilidade intrínseca — tendem a revoltar-se. E, desgraçadamente, essa revolta e a força da juventude foram mais percebidas e aproveitadas pelos partidários do comunismo internacional.

Dar um rumo e um sentido à justa revolta da mocidade é uma das primeiras tarefas do educador e de todo bom patriota. É preciso compreender que a rebelião dos moços é uma força generosa e inesgotável, de milagrosa potencialidade.

Nesta hora de mutação sócio-econômica; quando as nações não desenvolvidas sentem o desafio da ascensão; quando já se vislumbram as

consequências da explosão demográfica; quando a Igreja renega o conservadorismo e se coloca à frente dos tempos; quando as nações democráticas — ainda que não consolidadas — sentem a sofrida transição da liberal-democracia para a democracia social; e quando o comunismo aperta o cerco da agressão e da violência, é mister que o Exército e a mocidade se identifiquem e se unam.

Nesta hora, o dever dos nossos exércitos é o de serem, mais do que nunca, os fatores da integração nacional. E de colocarmos todo o seu potencial de força e de idealismo a serviço da eliminação da injustiça social e do desenvolvimento dos nossos povos, dentro da democracia e da liberdade.

Em fins de 1965, o Senador Robert Kennedy, como autêntico embaixador dos novos tempos, finalizando, no Brasil, sua memorável visita à América Latina, afirmou:

“Nos lugares por onde passei, vi um hemisfério em movimento — países férteis em novas idéias e planos, expectativas e reivindicações. Os velhos rumos estão se curvando ante as pressões inexoráveis dos povos há muito premidos, que agora exigem uma justa participação nas ilimitadas possibilidades de nossa era. Eles querem progresso econômico, alimento para seu corpo, educação para sua mente, trabalho produtivo para suas mãos, e a perspectiva de uma vida cada vez melhor para seus filhos e para as gerações futuras. É isso o que eles desejam. E essas coisas é que eles não têm de ter.

Exigem justiça social — terra para os que não a têm, oportunidade para os premidos, o fim ao privilégio injusto, e a fuga da responsabilidade pelos afortunados e pelos ricos. É isso o que eles desejam. E essas coisas eles também terão”.

E formulou esta advertência inesquecível:

“Se a democracia não pode fazer uma revolução, então ela é que será a vítima da revolução. Pois a mudança é tudo o que é certo.”

### ESPERANÇA E CONVICÇÃO

Permiti, senhores delegados dos exércitos americanos que me haveis honrado com a vossa atenção, que, no propósito inicial do bem servir e da coragem da verdade, formule o pensamento final, não apenas de esperança mas de convicção. A convicção de que os nossos exércitos, fiéis à sua destinação e ao seu idealismo, e como artífices da integração nacional, haverão de apoiar a mudança e essa grande revolução da democracia.

Quando ela se concretizar, estaremos alcançando a plenitude da integração nacional, e, com a nossa união, com a nossa aliança, com o desenvolvimento equilibrado de todos nós, com o bem-estar de nossos povos, chegaremos à verdadeira integração americana, do sonho dos nossos libertadores.